Capítulo XII — Evangelização da América do Norte

> **Sumário.** Ordens religiosas. — Tradições cristãs. — Testemunhos de Pedro Mártir de Anghiera. — Templo de Palenque. — Testemunho do padre Leclercq.

Depois de referir algumas das tradições primitivas e bíblicas conservadas entre os povos do Novo Mundo, passemos às lembranças da evangelização cristã.

Um dos sólidos historiadores da descoberta da América, de que foi contemporâneo[1] e, por sua posição na corte de Fernando, bem situado para conhecer o que adianta, Pedro Mártir de Anghiera, refere o seguinte:

> *Nas regiões vizinhas do estreito de Darién, os sacerdotes dos selvagens batizavam, em templos, as crianças pequenas de um e outro sexo, derramando sobre elas, em forma de cruz, água contida num pequeno vaso. Encontram-se ainda entre eles vestígios da Ceia e até do dogma da Santíssima Trindade.*[2]

Quando os Espanhóis penetraram mais adiante na América do Norte, encontraram, entre outros monumentos cristãos, o célebre templo de Palenque, em Iucatã. Nesse templo estava esculpida uma grande e magnífica cruz de pedra, objeto da adoração dos selvagens. O mesmo sinal de salvação, cercado das mesmas homenagens, encontrou-se em vários outros lugares.

A Providência não permitira que a significação religiosa desse sinal adorável, nem a lembrança mais ou menos confusa dos dogmas de que é símbolo, fosse completamente esquecida. Em 1452, pouco tempo antes da chegada dos Espanhóis a Iucatã, o sacerdote dos ídolos, Chilam-Ballam, fez a seus compatriotas a espantosa predição que segue:

> *No fim da décima terceira idade, virá o sinal de um deus que está nos céus; e a cruz, pela qual o universo foi iluminado, manifestar-se-á ao mundo. Haverá divisão nas vontades quando o sinal for dado nos tempos vindouros. Em breve vereis a cruz aparecer de um polo ao outro, o culto dos falsos deuses cessará. Vosso pai vem, ó Itzalanes! Recebei vossos hóspedes barbados do Oriente, que*

> *vos trazem o sinal de Deus.*

> *Devemos incensar a cruz. Ela aparece hoje em oposição à mentira; é mostrada ao mundo contra a primeira árvore do mundo. É o sinal de Deus nos céus; adorai-a, ó Itzalanes! com vontade reta. Eu vos advirto e vos ordeno, eu, vosso intérprete e mestre Ballam. E agora acabei de dizer o que o verdadeiro Deus me havia ordenado, para que o mundo o ouvisse.*[3]

Ou o sacerdote americano é o intérprete das tradições cristãs de seu país, o que parece natural; ou é, se se quiser, uma sibila. Num caso e noutro, sua predição é uma prova de que Deus nunca se deixou sem testemunho, em nenhum ponto do globo.[4] Aliás, sua linguagem não é mais espantosa que a da sibila de Cumas, traduzida por Virgílio.

Ao demais, eis alguns fatos que confirmam a predição de Ballam e a pregação do Evangelho na América do Norte muito antes da conquista espanhola. O primeiro encontra-se na relação do padre Leclercq, apóstolo da Gaspésia e da Acádia, vastas regiões do Canadá. Depois de doze anos de estada entre os selvagens do rio Miramachi,[5] o corajoso missionário escreve o que viu com os seus olhos e ouviu com os seus ouvidos, não uma vez, mas cem vezes.

Deixemo-lo falar:

> *O culto antigo e o uso religioso da Cruz, que ainda hoje se admira entre os selvagens do rio Miramachi (ou Miramichi), poderia persuadir-nos de algum modo de que esses povos receberam outrora o conhecimento do evangelho e do cristianismo, que por fim se perdeu pela negligência e pelo libertinismo de seus antepassados.*

> *Encontrei em certos selvagens, a que chamamos Porta-Cruz, matéria suficiente para fazer-nos conjeturar, e até crer, que esses povos não tiveram o ouvido fechado à VOZ DOS APÓSTOLOS, cujo som ressoou por toda a terra, pois têm entre si, por infiéis que sejam, a Cruz em singular veneração; trazem-na figurada em suas roupas e em sua carne; seguram-na na mão em todas as viagens, por mar ou por terra, e, enfim, põem-na, fora e dentro de suas cabanas, como a marca de honra que os distingue das outras nações do Canadá...*

> *Era regra entre eles: «Que se levaria sempre a Cruz, sem excetuar sequer as crianças pequenas. Nenhum selvagem teria ousado aparecer diante dos outros sem ter na mão, na carne ou nas roupas esse sagrado sinal de sua salvação. Se se tratava de decidir algo de consequência a respeito da nação, o chefe convocava os anciãos, que iam ao lugar do conselho, onde, reunidos todos, erguiam uma cruz de nove a dez pés de altura; faziam um círculo e tomavam seu lugar, cada um com a sua Cruz na mão, deixando a do conselho no meio da assembleia.*

> *Deliberava-se na presença da cruz: Se se tratava de enviar algum deputado a seus vizinhos ou a alguma outra nação estrangeira, o chefe chamava ao círculo o jovem que julgava mais próprio para a execução do projeto e tirava então do seio uma Cruz bem trabalhada, que trazia envolta no que tinha de mais precioso, e a mostrava respeitosamente à assembleia; depois ordenava ao deputado que se aproximasse e a recebesse com reverência. Pondo-lha ao pescoço, dizia-lhe: "Vai, guarda esta Cruz, que te preservará de todo perigo junto àqueles a quem te enviamos."*

> *Os anciãos aprovavam com suas aclamações habituais de hoo, hoo, hoo o que o chefe dissera. O embaixador saía do conselho com a Cruz suspensa ao pescoço e só a deixava à noite, para pô-la debaixo da cabeça, na persuasão de que ela afugentaria todos os maus espíritos durante o seu repouso. Conservava-a com cuidado e, de volta de sua negociação, entregava-a nas mãos do chefe, na presença do conselho, a quem prestava contas de sua comissão...*

> *Enfim, nada empreendiam sem a Cruz. Punham-na sobre os túmulos, e seus cemitérios parecem antes cristãos que selvagens. Numa palavra, estimam tanto a cruz que mandam enterrá-la com eles no mesmo caixão, na crença de que essa cruz lhes fará companhia no outro mundo e de que não seriam reconhecidos por seus antepassados se não tivessem esse sinal honroso.*[6]

Notas

[1] Nascido em 1455.

[2] *Sacerdotes quosdam americanos in regno mexicano: supra Darienem, anniculos pueros, puellasque in templis aqua in crucem cum urceolo superinjecta, baptizare visos fuisse.*

Sacrosanctae etiam Coenae adumbrationes, alii sibi deprehendere visi sunt, imo et adorandae Trinitatis quaedam rudimenta. Pedro Mártir, *De rebus oceanicis*, in-4º, 1585.

[3] Frederico de Waldeck, *Histoire pittoresque et archéologique de la province d'Yucatan*, p. 59.

[4] Uma predição quase semelhante foi feita por uma mulher oceânica, quarenta anos antes da chegada de nossos missionários.

[5] 1675-1687.

[6] *Nouvelle relation de la Gaspésie*, pelo R. P. Chrétien Leclercq, Paris, 1691, in-12.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:33 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin